

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO.

Filiado no Sindicato Nacional da Imprensa Portuguesa.

Redacção e Administração:

L. Franco Castelo Branco, 30.

Director e Editor — Antonino Dias de Castro

Composição e Impressão:

Tip. Minerva Vimaranesense.

Para a cidade de Guimarães lêr

Em resposta ao meu artigo publicado na «Voz» de sábado, 20 de Agosto, o sr. Mário Cardozo, Presidente da Direcção da Sociedade de Martins Sarmiento, e, por ora, a única pessoa visada por meus dizeres, veio alegar o que o leitor viu — na «Voz» de 22.

Tudo isto tem a sua história. Nêsse meu artigo eu prometia para outro lugar e ocasião contá-la. O qual lugar seria o *Boletim do Arquivo Municipal de Guimarães* que está a fazer-se. As alegações do sr. Mário Cardozo obrigam-me a contar a história já e aqui.

Porque tudo isto tem a sua história.

Eu tinha relações com o sr. Mário Cardozo: recebia-o na minha casa; aceitei-lhe o convite que me fez para me levar no seu automóvel à Citânia, por ocasião da vinda dos sábios; ouvia-lhe os queixumes azêdos contra alguns que hoje exalta, por conveniência. Nunca recebi sem reservas as suas arqueológicas, — porque isto de arqueólogos, é preciso muito cuidado com êles: se têm atrás de si a larga e sólida cultura de Martins Sarmiento, não há perigo; mas se têm atrás de si a larga e sólida ignorância do sr. Mário Cardozo, — então é de fugir! Porque são teimosos nas suas fantasias, impertinentes nos seus pontos de vista — e de uma destas vaidades inconcebíveis.

Recebi, portanto, sempre, de pé atrás, as suas arqueológicas. Estimulava-o a trabalhar, mas não calava as minhas dúvidas.

Davamo-nos, porém.

Aconteceu que na «Ilustração», dois cavalheiros de que já nem sei o nome, publicaram, há dois anos, um artigo sobre a Citânia, que era um escandaloso plágio duns folhetos de Mário Cardozo. Decidi fazer justiça, denunciando a malfiteira, e restituindo ao sr. Mário Cardozo o que lhe pertencia. Sua Ex.^a soube, e veio a minha casa pedir-me que não dissesse nada, porque já se entendera com a «Ilustração», em particular. Respondi que ninguém tinha nada com a minha crítica a factos públicos. O sr. Mário Cardozo concordou, e comentamos largamente o plágio.

O meu artigo saíu na «Voz», e passados meses, na «Ilustração», vejo uma agressão violenta contra mim, assinada pelo director da revista, e da qual transparecia que o sr. Mário Cardozo estava ao lado dos cavalheiros que o tinham roubado contra mim que fiz justiça a todos!

Escrevi ao sr. Mário Cardozo uma carta, a convidá-lo a tomar a atitude conveniente no caso. Pai da vida, o que eu fui fazer! Respondeu-me em larga carta, tam agressivamente, tam malcriadamente — que puz ponto às nossas relações. Assim estávamos, quando apareceu o Decreto que regula as condições de funcionamento do *Arquivo de Guimarães*.

A rua de Paio Galvão onde as arqueológicas do sr. Mário Cardozo são altamente cotadas, fêz-me saber que Sua Ex.^a andava muito aflito, porque via entre o Decreto que criava o Arquivo e este

último que fixava as normas da sua vida, contradições.

Olha a descoberta! Pois se precisamente o segundo se formulou para corrigir o primeiro!

Percebi, então, que o sr. Mário Cardozo que se preparava para a Direcção da Sociedade de Martins Sarmiento, se preparava para mais alguma coisa. E aguardei, em silêncio.

Entrou o sr. Mário Cardozo para a Direcção da Sociedade — em muito má hora para esta, digamo-lo dêde já.

Apesar de estarmos de relações cortadas, nunca recusei serviço que me fôsse pedido para a Sociedade. Quando delegados seus foram a Lisboa avistar-se com o sr. Ministro da Instrução, acompañei-os a convite do sr. Presidente da Câmara. Como os delegados se dispuzessem a fazer verbalmente os pedidos que os levavam lá, mostrei-lhes os perigos de tal sistema, e fui eu quem, no gabinete dos secretários, redigiu o memorial escrito que, na minha presença, o sr. Ricardo de Freitas Ribeiro, um dos delegados, leu ao sr. Ministro. Reforcei, com palavras minhas, os pedidos do memorial, e expliquei o que se projectava fazer.

Apesar de estar de relações cortadas com o sr. Mário Cardozo, aceitei o lugar de vogal da Comissão encarregada de organizar o *In Memoriam* consagrado a Sarmiento, porque êle obedecia inteiramente ao meu plano. E no desempenho desta missão, cheguei a obter do sr. dr. António Baião, original para o volume, — original que já está nas mãos da Sociedade de Martins Sarmiento. E ia continuar — quando rebentou a bomba.

Que foi?

Foi que o sr. Mário Cardozo queria que o Arquivo Municipal de Guimarães lhe ficasse subordinado, com o seu Director nomeado por êle, e pago pelo Estado. O sr. Mário Cardozo queria mandar no Arquivo, como manda na Sociedade.

O Arquivo Municipal foi creado em Junho de 1930. Tal como foi creado — era uma coisa inútil: preciosas espécies escapadas à *razzia* de Soromenho, mas fechadas em sala húmida, a monte, a deteriorar-se progressivamente, à espera de que outras espécies lhes fôssem fazer companhia na sala húmida. Esteve o Arquivo da Colegiada, fundo primordial do Arquivo Municipal, onze anos confiado à Sociedade de Martins Sarmiento — e nem um inventário, nem um catálogo, nem uma ordenação sistemática. Por mais de uma vez, ergui a minha voz de protesto. Nada. Criado o Arquivo, eu disse a directores da Sociedade: «os srs. não têm quem lhes dirija isto, e isto precisa de uma direcção; vou ser eu o director». Acharam bem os que ouviram.

Estudei a maneira de eu poder ser Director do Arquivo, a única maneira viável, a única maneira útil: Conservador da Torre do Tombo, seria director do Arquivo, em comissão absolutamente gratuita. E assim se fêz. Que mais queria, que mais po-

dia desejar a Sociedade de Martins Sarmiento? Tinha o Arquivo, e tinha um director de graça — mas director que não dependia dela, porque era funcionário do Estado. Pedi à Sociedade que me cedesse para o Arquivo a casa de Sarmiento, no Carmo — o seu segundo andar. A Sociedade cedeu; foi transportado para lá o Arquivo da Colegiada e a pessoa a quem atribuí funções de execução tam brilhantemente tem trabalhado sob a minha direcção, que já estão catalogados centenas de códices — dêde Janeiro. Pessoa da minha absoluta confiança, o meu adjunto trabalhou exemplarmente bem. Todo êsse trabalho está sob o risco de se perder por obra e graça do sr. Mário Cardozo!

Instalado o Arquivo no Carmo, entrou para a Direcção da Sociedade de Martins Sarmiento, o sr. Mário Cardozo — e por terceira pessoa me convidou a enviar uma nota escrita do meu ponto de vista. Escrevi-a: Sabendo da falta de recursos da Sociedade, e dos muitos trabalhos em que ela gastava a sua actividade, entendia eu que o Arquivo tinha de ter direcção independente. Nem eu me sujeitava a ficar dependente da Sociedade, nem o Estado aceitava essa maneira.

Esta Nota, se não me engano, não teve resposta; muito tempo depois, mandei outra do mesmo teor, a que o sr. Mário Cardozo respondeu com uma série de insolências e grosserias além de todos os limites. Entretanto, dada a incompatibilidade entre o Arquivo e a Sociedade, estudava-se a solução conveniente para a cidade de Guimarães: o Arquivo deixava de ser da Sociedade para ser da Câmara: ficava em Guimarães, e em melhores condições.

A Câmara, de acordo com a Sociedade, officiou ao sr. Ministro da Instrução, pedindo para si o Arquivo. Sua Ex.^a deferiu — eu respirei, e o Arquivo respirou também.

A Nota insolente que o sr. Mário Cardozo me enviara levou-me a pedir a minha demissão da Comissão do *In Memoriam*, e a de Sócio Correspondente da Sociedade. O sr. Mário Cardozo foi até á Galiza arqueologar — à custa do Estado, êle que é rico, pois tem automóvel. E, na sua ausência, a Direcção da Sociedade fêz-me saber que não era solidária com a Nota insolente, e que desejava que eu retirasse os pedidos formulados. Aguardei que o sr. Mário Cardozo regressasse — para vêr que atitude tomar: como tudo ficasse na mesma, insisti nos meus pedidos. Para o meu lugar na Comissão do *In Memoriam*, foi o sr. dr. Mendes Correia; para o meu lugar de sócio Correspondente não foi ninguém.

O Arquivo, no Carmo, esperava que eu chegasse a Guimarães. A Sociedade pretendia arrendar a casa á Câmara, por 400\$00 mensais.

Recebidas as convenientes instruções do sr. Inspector Geral das Bibliotecas e Arquivos, vim para Guimarães. E logo, com o sr. Presidente da Câmara, fui vêr

o 2.º andar da casa de Sarmiento, e escolher os aposentos. A Sociedade pretendia ficar com a Capela e o Gabinete de trabalho de Sarmiento. Concorde: e saí, convencido de que dois dias depois continuaria a recolha das espécies documentais: o Arquivo Camarário, os Arquivos notariais, etc. Estávamos a 8 de Agosto. Mas o sr. Mário Cardozo velava e congeminava. Sabendo da nossa visita à casa do Carmo, cai em crise histérica, e barafusta, gestricula, apostrofa, pinta o caneco.

Que quer êle? Quer pôr condições ao arrendamento — a um arrendamento que em 16 de Junho se fixara, sem condições! Eu disse ao sr. Presidente da Câmara: «se há outro lugar onde possa instalar-se o Arquivo, acabemos com esta porcaria.»

Havia outro lugar. Casa magnífica, independente, central, e vasta. Arrendou-se. Limpou-se o indispensável, caíram-se dois salões — e transportou-se tudo da casa do Carmo para a nova sede. Foi esta mudança que o sr. Mário Cardozo impôs, com as suas inconveniências, que tornou quasi inútil o trabalho de meses feito com paciência benedictina. Guimarães que lho agradeça. E são-me então apresentadas as condições que o sr. Mário Cardozo exigia para o arrendamento da casa do Carmo.

Quem alugava a casa? A Câmara Municipal. Para quê? Para se instalar lá o Arquivo Municipal, dirigido por mim.

Arrendatária, a Câmara; inquilino, o Arquivo. O sr. Mário Cardozo tem o desplante de apresentar a mim e á Câmara, esta condição:

«4.º As dependências alugadas só poderão ser ocupadas para efeito da instalação do Arquivo Municipal.»

A infâmia da injúria fêz-me còrar.

Supunha o sr. Mário Cardozo que a Câmara lhe alugava a casa do Carmo, para que eu instalasse lá casa de tavolagem ou garçonnière nefanda? Supunha o sr. Mário Cardozo que a Câmara lhe alugava a casa do Carmo, para que eu instalasse lá *garage*, ou centro de conspiração... reviralthista, tam do agrado e das simpatias do sr. Mário Cardozo?

A 7.ª condição era esta: «O uso da restante parte do prédio, excluindo a escada principal de acesso, fica absolutamente vedado ao pessoal ou frequentadores do Arquivo, incluindo os quintais e terraço existente no 2.º andar.»

Isto é o cúmulo da garotice! Era-me concedido o uso da escada. Que favor! E proibia-se-me e aos frequentadores do Arquivo, o uso dos quintais, e o do terraço que é contíguo ao 2.º andar, onde ficaria o Arquivo! Até o terraço!

Tanto descaro e desconsideração fartaram-me. E rompi com o meu artigo da «Voz», de 20 de Agosto.

Vê-se que o sr. Mário Cardozo é de fértil imaginação. Enquanto esta lhe dá para chamar segunda Pedra Formosa a uma pedra que se parece tanto com a Pedra For-

mosa como um ovo com um espêto, vá lá. A rua de Paio Galvão gosta, — e góstos não se discutem; mas quando a imaginação lhe dá para desconsiderar quem, por todos os motivos e mais um, só lhe deve merecer respeito e cortesia — alto lá, porque eu não sou seu impedido.

No meio dêste quasi pântano em que se transformou Guimarães, o sr. Mário Cardozo é a rã que coaxa. Finge de arqueólogo e de revisor de Sarmiento.

Sarmiento era um espírito, singularmente culto. O sr. Mário Cardozo é de uma incultura lastimável. Tam lastimável que andando eu a ensinar-lhe há muito tempo que a língua portuguesa impõe que se diga «Sociedade de Martins Sarmiento», «viúva de Sarmiento», o sr. Mário Cardozo teima, só para não dar o braço a torcer, em escrever «Sociedade Martins Sarmiento», «viúva Sarmiento».

No meio da sua incultura, é tam infantil, que fêz a descoberta genial de dar á Sociedade de Martins Sarmiento, como símbolo, — a Pedra Formosa!

Mas que demónio tem a Pedra Formosa que vêr com a Sociedade, e a Sociedade com a Pedra Formosa? Mas o sr. Mário Cardozo, além de inculto, é alguma coisa pior.

Na «Revista de Guimarães» há dias saída, publica a Acta de 15 de Abril, dizendo que para a Comissão do *In Memoriam* foram nomeados os srs. dr. Mendes Correia, Alberto Vieira Braga e êle, Mário Cardozo. Repete a afirmação numa espécie de manifesto pitorêso publicado nas «Notícias de Guimarães» de 21 dêste mês. E' falso. Quem, em 15 de Abril, foi nomeado, fui eu. Diz ainda, no mesmo manifesto, o sr. Mário Cardozo, que a Sociedade editará um *In Memoriam*, para o qual aceitaram já concorrer com seus estudos vários nomes — entre os quais o do sr. dr. António Baião. A lealdade, a verdade e a justiça mandavam-lhe dizer, pelo menos, que o estudo do sr. dr. António Baião fôra obtido por mim...

Na sua resposta ao meu artigo, o sr. Mário Cardozo afirma que eu pedi a demissão de sócio correspondente e de vogal da Comissão do *In Memoriam*, irritado por a Sociedade não aceitar que acima do prestígio da instituição se collocasse a minha autoridade pessoal.

Isto é uma refinada mentira, como o leitor já viu. Fiz aqueles pedidos de demissão — por ter sido estupidamente agravado numa Nota que o sr. Mário Cardozo me enviou para Lisboa.

Diz ainda que eu não lhe parecia pessoa indicada para a Comissão do *In Memoriam*.

Coitadinho! Eu não lhe pareço pessoa indicada; mas aproveitou-se da *minha ideia*, do *meu plano*. Não lhe pareço pessoa indicada; mas êle julga-se indicado para tudo, — até para revisor das teses de Sarmiento!

Duas palavras, desnecessárias, aliás.

A' Direcção da Sociedade, in-

Casa «Atlas»

GUIMARÃIS

Proprietário — Joaquim Veloso de Araújo.

E' nesta casa que V. Ex.^{as} encontram o maior e mais completo sortido em calçado Mecânico "Atlas" e Manual, para Homem, Senhora e Criança.

Completo sortido em meias, peúgas, bonés, chapéus, gravatas, silenciosos para Homem e Senhora, luvas, etc., etc.

Tudo a preços de concorrência.

Aproveitem também a ocasião de comprar bem e barato, nos grandes saldos que esta casa efectua durante alguns meses.

O melhor café é o d'A BRAZILEIRA

Torrefação primorosa.

Moído elètricamente.

— TODAS AS PESSOAS DE BOM GOSTO O PREFEREM. —

DEPOSITÁRIOS:

Freitas & Genro

70, Praça D. Af. Henriques, 74

Casa Salgado

12, Rua 31 de Janeiro, 24

GUIMARÃIS

Os seus proprietários participam aos Ex.^{mos} Clientes, amigos e ao público em geral, que teem um novo e variado sortido em fazendas brancas e miudezas, e estão sempre a receber artigos de novidade, que vendem aos melhores preços.

— Agradecem uma visita no seu próprio interesse.

A SOCIAL

Agência e Pôsto de Socorros:

HENRIQUE GOMES

Farmacêutico - GUIMARÃIS

As maiores vantagens

nos

seguros contra

DESASTRES NO TRABALHO

Restaurante "Arcádia"

Uma das melhores e mais bem montadas casas da especialidade.

Almoços, Chás e Jantares. Serviço de mesa redonda ou à carta. Serviços especiais para Banquêtes, Baptizados, Casamentos e Soirées. Executam-se fôdas as encomendas neste género. — Sempre bons mariscos.

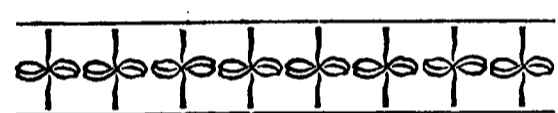
12, Largo do Trovador, 13 - GUIMARÃIS.

.....
Frequentar o «Arcádia» é uma prova de bom-tom!

CASA PIMENTA

33 RUA 31 DE JANEIRO 37

TELEFONE, 180



Alberto Pimenta Machado

As mais recentes novidades em lanifícios nacionais e estrangeiros.

Colossal sortido em casemiras de Coimbra.

Grande saldo de voails de lã pelo preço dos tecidos de algodão.

Querem economisar dinheiro?

Consultem os preços desta casa!

Colégio Lousadense

(PARA O SEXO FEMININO)

Rua 31 de Janeiro

LOUSADA

CORPO DOCENTE ESCOLHIDO. — ÓTIMO LOCAL. — EDUCAÇÃO COMPLETA.

CURSO DOS LICEUS.

Directora — Palmira de Melo Meireles.

Casa HIGH-LIFE

FILIAL de

Benjamim de Matos & C.^a L.^{da}

MODAS E MIUDEZAS

Camisaria, Gravataria, Luvaria. Todos os artigos para bordar.

Sempre novidades em tecidos de Lã, fantasia e sêdas diversas.

Sortido variado. Preços reduzidos. Vendas só a dinheiro.

130, Praça D. Afonso Henriques, 132 1, Rua 31 de Janeiro, 7

TELEFONE, 230

GUIMARÃIS

Casa Rebelo

117, P. D. Af. Henriques, 118

GUIMARÃIS

Grande sortido em tecidos finos para a ESTAÇÃO DE VERÃO.

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA.

VISITEM ESTA CASA.